

O TRIPEIRO

REPOSITÓRIO DE NOTÍCIAS PORTUGALENSES,
ANTIGAS E MODERNAS



Vol. 2.º

Julho de 1909 a Julho de 1910



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA FORMOSA, 199 * PORTO

Aquella pedra tumular dava de marmore de iguaes di-
sões, e ainda uma boa esmo-
com o fim de a levar e collocar
da sua historica igreja mos-

abe-se que a ordem militar re-
osa dos Templarios foi extincta
1311 pelo Papa Clemente V, e
aqui se pôde avaliar da sua
gitude.

em Leça de Balio, pouco antes
chegar á igreja, n'um largo,
um cruzeiro de pedra d'Anã
adado alli erigir pelo balio
Frei João Coelho, Prior do
to, em 1514, e a imagem é no
to das duas que estão no cemi-
do Bomfim. Nota-se só a
erença de ser mais perfeita,
ido sem duvida á pedra ser
is macia que o granito e o es-
tor ser um dos mais notaveis
aquella epoca (!).

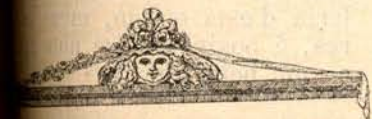
Um pouco mais perfeita é a que
encontra no cemiterio do Pra-
do Repouso, para alli trasla-
da do Real Collegio de Nossa
hora da Graça, e que se has-
sobre uma columna com ca-
el d'ordem jonica; esta não
mira que assim seja, porque é
is moderna, é do seculo xvii
viii.

ão sei se no Calvario novo,
a rua ainda conserva o nome,
no Calvario velho, aquelle per-
das Tappas e este no sitio onde
1701 se fundou o convento de
José das Carmelitas e onde hoje
fazem grandiosos predios, n'es-
epocas afastadas havia cruces
m imagens em relêvo; mas,
se como fosse, perfeitas ou tos-
eram sempre um symbolo da
essa crença, uma memoria de fé
dos nossos antepassados.

Porto, fevereiro de 1910.

JOÃO G. O. TORRES.

Diogo Pires, insigne escultor de
Porto.



Almeida Garrett

10 de fevereiro de 1799 foi ba-
nada na igreja de Santo Ilde-
so d'esta cidade, a que n'essa
epoca pertencia a rua do Calvario,
a criança que veio a chamar-
se João Baptista da Silva Leitão
Almeida Garrett.



O Museu Municipal do Porto

(Para a historia da campanha levantada para a
sua remodelação em 1887)

SAZ agora precisamente seis
annos que uma associação
cientifica installada aqui no
Porto, a «Sociedade Carlos
Ribeiro», iniciava os seus traba-
lhos com uma campanha tão rija
como innocente contra a deploravel
situação d'um museu que a camara
municipal mantem alli na Restau-
ração. Passo pela vista o opus-
culo inicial; e é com magua que
recordo o que eram então os seis
rapazes que imaginaram d'essa
vez, por todos os meios d'uma lu-
ta bravia dos vinte annos e com
uma propaganda incessante e ar-
dente que a idade explicava, esta-
belecer um nucleo de indagação e
elaboração scientificas, n'uma ter-
ra sem passado de curiosidade e
de saber. Foi um largo program-
ma esse que presidiu á acção da
«Sociedade» e á sua intervenção,
pelo opusculo, pela monographia e
pela revista, nos problemas de
sciencia pura, nas suas applica-
ções technologicas e na elaboração
de leis organicas de instituições a
crear — museus, laboratorios e es-
colas. Por uma previsão incon-
siente, n'esse periodo de esperan-
ças a findar e a substituirem-se
breve pelos desenganos motiva-
dos da fereza dos homens — de
vocês todos — alguém consignára
ao tempo a prioridade das inten-
ções que reuniram esse grupo,
bem unido mas ephemero, a vida
dura dispersando-os logo, e rapido
denunciando-lhes o que na scien-
cia official é frequentemente con-
venção e modo de vida, *blague* ou
pantomima.

Ao tempo, Bazilio Telles, que,
com Julio de Mattos, assumira a
dircção d'esse grupo, justificando
o esforço tentado e explicando o
papel dos moços n'um periodo em
que a sociedade portugueza avan-
çava para a irreparavel crise que

está a acabal-a, escrevia o illus-
tre publicista, n'uma «Revista»,
estas palavras de virilidade e de
animo: «Ora a uma sociedade
assim estiolada, em cujo seio ha
muito que se seccaram as fontes
da inspiração poetica, arrastada,
posto que talvez a seu pesar, na
corrente do industrialismo euro-
peu, não é em verso que se falla,
não é com impressionismos, nem
symbolismos, nem outras fórmas
extravagantes da nevrose de al-
guns e do pedantismo de quasi to-
dos, que se cura. A critica do seu
estado, o balanço exacto das suas
energias progressivas, não o fará
ella certamente mediante scepti-
cismos de boulevard, importados
com os ultimos figurinos de Paris,
ou pessimismos de escola trans-
plantados, com os ultimos livros
indigestos, da caserna d'Além-Rhe-
no. Scepticismo e pessimismo, só
teem direito de professal-os os po-
vos que teem vivido e os povos
que teem pensado, e Portugal ha
tres seculos que não vive e que
não pensa. Esse exame de con-
sciencia, se tiver um dia de ser
feito, só o tentará virilmente a so-
ciedade portugueza, quando, posta
de lado a velha ferramenta theo-
gica, se resolva a atacar de frente
os grandes problemas da sciencia,
acceitando as inevitaveis conse-
quencias a que logicamente con-
duzem. E d'esses problemas,
constante preocupação do pensa-
mento contemporaneo, nenhuns
mais complexos e mais graves,
nenhuns que levem as sociedades
que os agitam a mais radicaes
transformações no seu modo de
existir, que os problemas das scien-
cias naturaes e sociaes».

E o certo é que os rapazes lo-
graram, mercê do ruído e da au-
dacia com que surgiram, fazer-se
reparados e attendidos na propa-

ganda contra o museu, se não n'uma remodelação definitiva, ao menos em passos que, platonicamente, representaram um triumpho do ardor e da sinceridade da campanha. Mas contemos do principio.

O inglez João Allen organisára, á custa de buscas incessantes e de largos dispendios, um museu, rico em telas, interessante, como collecção particular, em certos productos naturaes, pittoresco e curioso em raridades e antigualhas. Para o alojamento respectivo fize-ra construir um predio em 1838, precisamente o mesmo que, na Restauração, ainda alberga as collecções municipaes, 55 annos já passados. Morrendo, obteve-se que a camara o comprasse por uns 19 contos, sendo préviamente louvado, entre outros, por João Baptista Ribeiro, o mesmo que em 1833, organisando o Museu Portuense com o espolio dos conventos, dava os primeiros passos para a inauguração ulterior (1836) das academias de Bellas-Artes de Lisboa e Porto. Adquirindo-o a camara em 1850, só dois annos depois é que appareceu a publico o regulamento sob cujos preceitos deveria correr a administração do novo instituto municipal, regulamento esse que, elaborado pelo sr. Eduardo Allen, definia, com grãta dedicação e solicitude pelas bellas coisas do espirito e do saber, o logar evidente do estabelecimento, a sua importancia e os seus effeitos educativos.

Então nada havia de similar aqui no Porto; e com largas vistas que denunciavam a cultura e raridade intellectual d'esse bello espirito que ainda hoje se vê forçado a gerir-o, o sr. Eduardo Allen mal imaginára como era vã a sua chimerica e como afinal fôra em pura perda o seu esforço, estanque em pouco pela indiferença tão typicamente portugueza. Já n'essa epoca o illustre sabio pensára em promover o desenvolvimento das collecções relativas á mineralogia, «que promette ser transcendente para o futuro economico da nossa terra», e crear collecções de productos naturaes e artificiaes do reino e suas possessões, de machinas empregadas na agricultura e na industria fabril do paiz, da flora portugueza e ultramarina, um gabinete de physica, um laboratorio chimico, uma galeria de esculptura, etc. Assim vasto este pro-

gramma, e hoje impraticavel n'uma só instituição, tanto as funcções se apartam e autonomisam, certo que havia ao tempo uma boa cabeça a comprehender o prestimo d'estes meios multiplos de entendimento e de trabalho. A camara, que não comprehendeu, approvou. E para tudo, mobiliario, acquisições, premios e vencimentos do director e do guarda, votou a verba — pensem n'isto — de 356\$000 réis annuaes! Ora, ainda hoje, com differença d'uma centena de mil réis ou pouco mais, é que a camara municipal do Porto mantem o seu museu!!!

As collecções de João Allen em pouco foram accrescidas, naturalmente, no periodo de 43 annos que decorre desde a sua compra. Ha 41 annos, já o sr. Eduardo Allen pedia com instancia a construção d'um edificio proprio e sufficientemente amplo para acondicionar o que então havia, de sorte que a disposição das telas e dos objectos pudesse ser aproveitavel e util para os visitantes. Mas tudo ficou como ainda se conserva hoje. Em tal predio e com taes recursos o museu está, pois, nas mesmas condições em que o deixou o fundador.

Ora, este nucleo de museu publico, que poderia ser hoje uma das mais valiosas instituições nacionaes, simultaneamente instructiva e de prazer, tinha, como collecção particular, um alto interesse. As collecções de naturaes, excepção da das conchas — umas 20:000 — e da dos minerios, curiosa esta, não tanto pela quantidade como pela excellencia de bastantes exemplares, são insignificantes e não teem deveras importancia attendivel. O medalheiro, que com pequenos recursos poderia ser de ha muito o primeiro do paiz, abrange, ainda assim, 7:500 moedas e medalhas e vale cêrca de seis contos de réis. Ha ainda peças archeologicas e ethnograficas, raras e boas. Mas no que urge fixar a attenção é na esplendida galeria de quadros amontoados como n'uma feira e occultos pela macacada pôdre que lhes communica os bolores e o estrago em poucos annos. Extráio os periodos seguintes d'umas cartas que ao tempo da campanha da «Sociedade Carlos Ribeiro» me escrevia, na *Provincia*, Xavier Pinheiro, o saudoso e grande artista extinto:

«E' um museu d'esta ordem: possui um soberbo retrato do

grande Van Dyk (361), que vale uma forte duzia de contos; possui uma das mais admiraveis paizagens que conheço (365) — bosque, com uma clareira, onde um grupo de cavalleiros passa — paizagem cheia de silencio e magestosa; esta paizagem, evidentemente flamenga, poder-se-ia collocar ao lado das melhores de Ruysdael.

«E quem era Ruysdael, senhores municipes? Um pintor de paizagens de que hoje se paga cada palmo de tela por meia duzia de contos de réis!

«E' um museu d'esta ordem: possui os mais bellos pasteis de Pillement, o grande mestre pastelista; possui o mais surprehendente, o mais imprevisito, o mais bem feito quadrosinho flamengo que meus olhos teem visto (43), e defronte do qual, não ha muito tempo ainda, um illustrado estrangeiro, habituado ás deliciosas coisas do Louvre e de Amsterdam, irrompia cheio de admiração.

«E' um museu que possui uma boa collecção de Sequeiras, o nosso primeiro artista; que possui uma grande porção dos melhores trabalhos de Vieira Portuense, entre os quaes o seu celebre *Christo*: que possui um admiravel Grão-Vasco; que possui uma inestimavel quantidade de finos, de esplendidos, mesmo, quadros flamengos, interiores, marinhas; que possui o mais surpreendente retratinho, estylo Clonet (344); que possui dois ou tres bellos esbocetos de Roquemont, entre os quaes o notavel retrato de barrete encarnado; que possui — oh! delicada e espirituallisada pintura! — dois extraordinarios quadros de flores do Jesuista de Anvers, com figurinhas de Schut, e que trinta contos não pagariam certamente (145, 269); que possui uma rara collecção de naturezas mortas, que possui representados quasi todos os pintores portuguezes até meado d'este seculo, que possui tantas apreciaveis obras anonymas... Uma galeria d'esta ordem, meus senhores, é positivamente uma grande e uma bella galeria.»

Mas os intuitos da «Sociedade Carlos Ribeiro» eram puramente scientificos e a revolta attingia exclusivamente a pobreza menos que mediocre dos productos naturaes. Nós queriamos para alli — rapazelhos de vinte annos e ingenuos a fazer de feras — a colleccionação

...tanto documento archeologico... ali disperso, a salvacao, pela photographia e pela memoria, quando a acquisicao fosse impossivel, de tanto monumento arrazado pela ignorancia indigena; nós que temos amostras de rochas e minérios alli patentes do solo d'esta patria; nós queriamos, em livros, toda uma flora nacional, etiquetada e descripta, a revelar-nos a vegetação da nossa terra; nós queriamos que se dispozessem os elementos faunisticos que mais nos interessam, os mammiferos, as aves e os insectos nocivos e uteis, os reptis damninhos, os peixes que podemos comer ou utilizar industrialmente, os molluscos e os crustaceos comestiveis, todo um livro aberto do que Portugal ou pelo menos a região áquem Monção, possui de importante, util e funesto, para a vida economica deste povo. Indignava-nos, mais, a promiscuidade torpe d'esse armazem impudico que ainda um maior impudor camarario permitia aberto: aranhas e espingardas, minérios e pintasilgos, cães de massa e leques, sapatos e estrelas do mar, polypos e cabellos de D. Iñez de Castro, sardões e areias do Mindello, tudo isso que os senhores podem vêr, para enristecerem, das 10 ás 4 horas da tarde. Tolos que nós eramos, entre uma raça insciente e finda!

Uma rija campanha nos jornaes promoveu, na sessão de 18 de novembro de 1887, a nomeação de uma commissão composta dos srs. Azevedo Maia, Luiz Woodhouse, Oliveira Martins e Silva Pinto, aos quaes, pouco depois, se aggregavam os srs. Amandio Gonçalves, Joaquim de Vasconcellos e Marques de Oliveira; mais tarde era votada no orçamento de 1889 uma verba de 40 contos para o acabamento do edificio de S. Lazaro, ha muito, então e ainda hoje, o melhor logar a escolher para o Porto installar o seu museu, se isso de-veras o interessasse.

O primeiro relatorio a sair foi o do sr. Amandio Gonçalves, o illustre e querido professor de todos nós, incumbido por uma parte da commissão, do que dizia respeito ás sciencias naturaes; mais tarde o sr. Joaquim de Vasconcellos publicava o seu, relativo principalmente á archeologia, ethnographia e bellas-artes. No primeiro propunha-se a passagem das suas collecções para a tragica miseria da Academia Polytechnica, ao tempo completamente desaju-

dada de recursos; no segundo projectava-se a creação de sete secções: pintura e estatuaria, artes decorativas e industriaes, prehistoria, numismatica, ethnologia, etc. Como sempre acontece, cada grupo tratava de desenvolver a secção que mais lhe importava, e por fim os trabalhos não condizião, os programmas eram excessivamente vastos, as dotações arripiantes.

N'isto cáe a camara.

Nunca mais alguem ouviu falar na remodelação do museu, na ampliação do predio da bibliotheca, na conciliação dos propositos exarados nos relatorios; nem estes foram presentes em sessão! E, afinal, nada mais facil. As conchas e os minérios, unicas collecções historico-naturaes válidas, deveriam passar, mediante contracto, para o estabelecimento de ensino onde mais particularmente interessassem, a Academia Polytechnica; os quadros e outros objectos artisticos, convenientemente dispostos e cuidadas as salas, constituiriam na Academia de Bellas-Artes a nossa galeria de arte; productos industriaes, excluidos, graças ao museu especial que já existe. Que fazer, pois? O museu regional dos productos d'este paiz, tão desconhecidos na generalidade, riquezas que os senhores mal imaginam que possuímos, no solo, na flora e fauna. Mal da oliveira e mal da vinha, doenças das arvores de fructo e das essencias florestaes, bicho da seda e mel da abelha, insectos nocivos aos cereaes, ás plantas hortensens, ás forragens e ás arvores de pomar, insectos auxiliares da agricultura, insectos arachnideos e nematodes, parasitas dos animaes domesticos, ostras, mexilhões, ameijoas, camarões, lagostas e peixes comestiveis de produção a multiplicar e a desenvolver, reptis, aves e mammiferos com tanta indicação util ao agricultor, ao proprietario, ao obreiro, a todos nós, não está aqui obra aproveitavel, indispensavel, util, a apprehender e a realizar? Decerto que o Porto podia e devia ter duas ou tres salas para as suas moedas e antiguidades, para as suas curiosidades ethnographicas e outras; mas no museu de bellas-artes, principalmente, e no museu regional é que, com menos de seis contos annuaes, a população d'esta terra encontraria recursos educativos verdadeiramente assignaláveis.

Pensavam assim, os rapazes da «Sociedade Carlos Ribeiro», ignorantes ainda da feição do homem publico que administra esta terra. E como eu deploro agora a alegria, o entusiasmo e a fé extintas, sonhando todos um grande museu no logar onde a camara municipal do Porto mandou construir, para alojar muares e carros de limpeza, cavallariças!

Porto, 1893.

ROCHA PEIXOTO.



Testamento do Commendador Cidade

T 13 de julho de 1875, falleceu n'esta cidade o commendador Manuel Francisco Duarte Cidade, solteiro, capitalista, morador na rua do Souto, da freguezia da Sé.

Por testamento cerrado, deixou os seguintes legados:

A' Santa Casa da Misericordia, dois contos de réis, para serem applicados ás obras do mesmo hospital.

A's ordens da Santissima Trindade, S. Francisco e Nossa Senhora do Carmo, a cada uma dois contos.

A' irmandade de Nossa Senhora do Terço e Caridade, dois contos.

Aos Meninos orphãos e aos Desamparados, a cada um 48\$000 réis.

A cada um dos entrevados, entrevadas, lazaros e lazaras, 1\$000 réis.

A' irmandade de S. José das Taipas, para ajuda de se mandarem doirar os seus altares, 400\$000 réis.

A' Creche de S. Vicente de Paula, 400\$000 réis.

Ao Asylo das raparigas abandonadas, 200\$000 réis.

Ao Asylo da mendicidade, réis 200\$000.

A's meninas desamparadas do Postigo do Sol, 100\$000 réis.

Ao Asylo de Villar, 100\$000 réis.

A' irmandade das almas de Santa Catharina, para ajuda de doirar a capella-mór, 100\$000 réis.

A's Recolhidas pobres, do Ferro, 10\$000 réis a cada uma.

A's Reclusas do Aljube, 100\$000 rs., repartidos igualmente por todas.

Aos entrevados e entrevadas da Ordem Terceira de S. Francisco, entrando os familiares da casa, réis 1\$000 a cada um.

Mil esmolos de 1\$000 réis cada uma, para mil velhos e velhas, entrando n'este numero os de S. Cosme de Gondomar.